

BALANÇO POSITIVO DE UMA VIDA
(Dr. Aristides Cândido de Mello e Souza)

Antônio Cândido

Há pouco mais de um século, no dia 20 de setembro de 1885, Aristides Cândido de Mello e Souza, usualmente Aristides de Mello, nasceu na Fazenda da Prata, que naquela altura fazia parte, como toda a Freguesia de Santa Rita de Cássia, do Município de Passos. Esta fazenda, propriedade de seu pai e antes de seu avô, fora desmembrada de uma enorme gleba comprada de sociedade, pouco depois de 1850, por Jerônimo Pereira de Mello e Souza, futuro Barão de Passos, seu irmão João Cândido de Mello e Souza, futuro Barão de Cambuí, o cunhado deste, Domingos Pimenta de Abreu (todos residentes em Passos) e Manuel Pinto dos Reis.

Aristides de Mello era filho de Antônio Cândido de Mello e Souza e sua primeira mulher e prima, Blandina da Silveira. Os primeiros estudos foram feitos na escola do Professor Cornélio Alves de Souza, que educou tantas gerações locais e acabou diretor do Grupo Escolar Melo Viana. Em 1897, foi como interno para o Colégio Diocesano de Uberaba, na companhia de seu irmão Urbano e do primo José Pimenta de Abreu. O corpo docente era formado por padres seculares brasileiros e frades dominicanos franceses. Um destes, Frei Rosário, dedicou muito afeto ao menino e lhe ensinou a sua língua, na qual Aristides de Mello se correspondeu com ele até a idade adulta. No ano de 1899 mudou para o Ginásio Nogueira da Gama, de Jacareí, onde esteve creio que até o fim de 1900, transferindo-se em 1901, se não me engano, para o recém-criado Ginásio do Estado de Campinas, que era o famoso Colégio “Culto à Ciência”, adquirido pelo Governo de São Paulo.

Aluno de mestres de qualidade de Perez y Marin (Matemática), César Bierrenbach (História), Coelho Neto (Literatura), esteve sempre nos primeiros lugares, figurando, no quinto ano, entre os “Estudantes Distintos”, categoria criada então para galardoar os que obtivessem as maiores notas. No ano de 1903 foi escolhido para saudar, em nome da mocidade, o aeronauta Santos Dumont (que vinha à pátria com a glória de haver dado dirigibilidade aos balões) e oferecer-lhe uma bandeira nacional de seda, feita pelas moças de Campinas, para ser desfraldada na sua próxima aeronave, que foi o **Santos Dumont-10**.

Não tendo, por motivo de doença, feito o sexto ano (que era facultativo e dava o grau de Bacharel em Ciências e Letras), prestou os exames finais no curso anexo da Faculdade de Direito de São Paulo e ingressou em 1905 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Estudante destacado (o segundo da turma), participou ativamente da política acadêmica, ao lado dos colegas de Direito e Engenharia, que formavam então com os de Medicina um grêmio único — o Diretório Acadêmico, do qual foi vice-presidente. Em 1908 integrou a embaixada estudantil que foi em caráter oficial ao Uruguai por delegação do Itamarati. Em Montevideo teve um momento de êxito e fez, pela sua atuação, relações que perduraram. Em 1910 terminou o curso médico e defendeu tese de doutorado, tendo sido nesse ano um dos dois internos do Professor Miguel Pereira, a quem se ligara como discípulo e amigo e do qual foi, a partir de então, Assistente voluntário.

De dezembro de 1911 a dezembro de 1912 esteve na Europa. Primeiro na Suíça, tratando da saúde, que nunca foi muito sólida; a seguir, em Paris, onde fez cursos de aperfeiçoamento. De volta ao Brasil, clinicou em Araguari de 1913 a 1915, quando retornou ao Rio para fazer o curso do Instituto de Manguinhos, organizado por Oswaldo Cruz como o primeiro grande centro de pesquisas biológicas do país. O curso durou até 1916, tendo ele dado tão boa conta de si, que quando Oswaldo Cruz morreu encontraram na sua gaveta uma lista de nomes de alguns jovens médicos que considerava aptos para o trabalho científico, em continuação à sua obra, e o de Aristides de Mello estava incluído.

Terminado o curso, fez em 1916 um concurso particularmente difícil para bacteriologista da Saúde Pública: a vaga era apenas uma, e os concorrentes muito bem preparados. Tirando o primeiro lugar, foi nomeado, e em janeiro de 1917 casou com Clarisse de Carvalho Tolentino, que conhecera na casa de Miguel Pereira, da qual era cunhada. Além de trabalhar na Saúde Pública, sucedeu ao mestre no consultório que este mantinha na praia do Botafogo.

Durante a terrível epidemia chamada “gripe espanhola”, de outubro a novembro de 1918, prestou incansável assistência à população, recusando em seguida a retribuição monetária que o governo tinha votado, pois, disse, se aceitasse teria apenas realizado serviços profissionais correntes, quando o seu intuito fora servir numa grave emergência, por espírito de solidariedade.

Em fins do mesmo ano teve a tristeza de assistir a morte prematura de Miguel Pereira, o que, somado a problemas da sua saúde, muito sensível ao calor do Rio de Janeiro, decidiu-o a vir para a terra natal, onde chegou em março de 1919 com a mulher e um filho, o autor deste artigo, que tinha oito meses de idade. Aqui clinicou até junho de 1920, quando voltou ao Rio a fim de reassumir o cargo e preparar-se para novo concurso,

com vistas à docência na Faculdade de Medicina. Mas tendo morrido seu pai, em setembro de 1921, e piorado a sua saúde, veio de novo para Cássia em Janeiro de 1922, com mais dois filhos nascidos de permeio, Miguel e Roberto. Aqui se instalou para ficar, clinicando intensamente e estudando com a paixão que sempre dedicou à medicina.

Em 1928 veio em visita à cidade o Presidente do Estado, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que o convidou para dirigir os novos serviços termas de Poços de Caldas, cidade que esse presidente estava transformando na primeira grande estância balneária moderna do Brasil, com equipamento equivalente ao das melhores do mundo, sob a orientação de Carlos Pinheiro Chagas, professor de Histologia da Universidade de Minas Gerais e cientista também ligado a Manguinhos, que conhecia bem a competência do médico cassiense.

Aristides de Mello aceitou e em outubro daquele ano deixou a sua terra, indo com a família para a Europa fazer um estágio previsto no contrato, durante o qual se familiarizou com a nova especialidade, freqüentando serviços de reumatologia e fisioterapia, além de seguir diversos cursos, inclusive um onde foi aluno da ilustre Madame Curie. A seguir, visitou estações balneárias da França, Alemanha, Checoslováquia e Itália, com um estágio de permeio em Berlim, para freqüentar cursos de hospitais. Em dezembro de 1929 voltou ao Brasil e em janeiro de 1930 estava em Poços de Caldas, preparando a instalação das novas Termas, inauguradas em março de 1931.

Hoje que o tratamento termal saíu da moda, é difícil imaginar a importância que então lhe era dada. Por isso, Aristides de Mello levou a sério a tarefa, organizando um estabelecimento que foi modelar enquanto esteve aos seus cuidados, a ponto de ser considerado equivalente aos mais notáveis da Europa. Naquele tempo havia quem dissesse que os maiores organizadores de Minas eram Belo Lisboa em Viçosa e ele em Poços. Mesmo sendo exagero, é sintomático.

Mas isso não passou sem lutas. Uma parte dos médicos da cidade moveu-lhe uma campanha cerrada e injusta, que ele desdenhou, sem se afastar uma linha do dever e dos termos do contrato. Alguns funcionários mal habituados em virtude do sistema anterior criaram problemas, ele demitiu um ou outro desonesto notório e enfrentou por isso situações perigosas, inclusive atentados à sua vida. Tudo dentro da maior serenidade, com a firmeza discreta que sempre o caracterizou, sem perder o bom humor em casa nem deixar os filhos perceberem os graves riscos que por vezes o ameaçaram. Miguel Pereira, em discurso onde fala dos seus colaboradores, menciona a competência, dedicação e grande modéstia de Aristides de Mello. Ele tinha de fato aversão ao alarde e o gosto da tarefa cumprida discretamente. Foi o que aprendeu com os seus nesta cidade, foi o que procurou transmitir aos filhos.

Terminando o contrato com o Governo de Minas no fim de 1934, permaneceu na diretoria até 1936, quando foi demitido por Benedito Valadares, num ato que ele fez questão de aguardar, a fim de deixar patentes o arbítrio e a visão subalterna próprios desse governador. A partir de então voltou à clínica privada, até a doença que o atingiu em meados de 1941 e causou a sua morte em 31 de março de 1942, na cidade de São Paulo, onde estava se tratando. Tinha 56 anos.

Além da tese de doutorado, **Novos sinais nas hemiplegias orgânicas** (1910), publicou o livro **Estudos de Crenologia** (1936) e deixou inacabado outro sobre o tratamento do reumatismo. Publicou também diversos estudos e artigos em revistas médicas brasileiras, argentinas e inglesas, valendo mencionar que foi colaborador d'**A Vanguarda**.

Mas este retrato ficará mais incompleto do que é se não for mencionada a sua cultura humanística. Desde ginásiano leu muito a respeito e formou uma boa biblioteca de literatura, filosofia, história, estudos sociais e políticos. Mais ou menos a partir dos trinta anos, os seus autores prediletos foram Bergson, Nietzsche e Dostoiewsky, aos quais foi fiel até morrer. Costumava dizer que quando ficasse velho iria escrever um estudo correlacionando os dois últimos com base no tema do "eterno retorno", referido à teoria física da entropia.

Foi assim o cassiense que desejo lembrar aos seus conterrâneos. Com a reserva que compete a um filho, direi apenas que o balanço de sua vida, cortada relativamente cedo, é mais do que positivo.

(De **A Vanguarda**, Cássia, 1º de dezembro de 1985)